



FEMINISMO E DISTOPIA EM O CONTO DA AIA, DE MARGARET ATWOOD

FEMINISM AND DYSTOPIA IN THE HANDMAID'S TALE, BY MARGARET ATWOOD

Janaína Buchweitz e Silva **1**

Resumo: O artigo visa refletir sobre literatura e aportes teóricos contemporâneos, versando em torno de questões como literatura e feminismo, pós-modernismo, distopia e metaficção historiográfica. Para tanto, será utilizado referencial teórico acerca dos referidos temas, partindo de autores como Hutcheon (1991), Campello (2003), Haraway (2004) e Figueiredo (2013). No romance *O conto da aia*, a escritora canadense Margaret Atwood propicia a representação de diferentes sujeitos que compõem a categoria mulher, e assim a ideia de estabilidade é substituída pela multiplicidade de identidades e singularidades, compondo desta forma um coletivo heterogêneo em que o discurso desafia a noção de centro, e em que o caráter distópico reforça as dificuldades a que as mulheres são submetidas na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Pós-modernismo. Feminismo. Distopia. *O conto da Aia*.

Abstract: The article aims to reflect on contemporary literature and theoretical contributions, dealing with issues such as literature and feminism, postmodernism, dystopia and historiographical metafiction. For this purpose, a theoretical framework will be used on these themes, starting from authors such as Hutcheon (1991), Campello (2003), Haraway (2004) and Figueiredo (2013). In the novel *The Handmaid's Tale*, Canadian writer Margaret Atwood provides the representation of different subjects that make up the female category, where the idea of stability is replaced by the idea of multiplicity of identities and singularities, thus composing a heterogeneous collective in which the discourse challenges the notion of center, and in which the dystopian discourse reinforces the difficulties that women are subjected to in contemporary society.

Keywords: Postmodernism. Feminism. Dystopia. *The Handmaid's Tale*.

1 Doutoranda em Letras pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3860047913292745>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9911-2840>. E-mail: janaesilva@yahoo.com.br



Breves considerações sobre feminismo e distopia

Os aportes teóricos mais recentes em estudos literários abarcam questões como estudos de gênero e sexualidade, utopias e distopias, e inserem-se no período do pós-modernismo, caracterizado pela teórica Linda Hutcheon (1991) como contraditório e auto-reflexivo, ao apresentar questionamentos sobre os limites e as possibilidades do discurso da arte. Hutcheon busca assim o desenvolvimento de uma poética, no sentido de propor uma teorização sobre o pós-modernismo, que não deve ser utilizado como sinônimo de contemporâneo, sendo “fundamentalmente contraditório, deliberadamente histórico e inevitavelmente político.” (HUTCHEON, 1991, p.20)

Teorizando sobre a descentralização do pós-moderno, a autora salienta que tanto a teoria literária contemporânea quanto o romance pós-modernista preocupam-se com o questionamento de uma série de conceitos, tais como autonomia, autoridade, homogeneidade e origem, dentre outros. Assim sendo, o discurso teórico contemporâneo passou a desafiar a noção de centro em todas as suas formas, provocando consequentemente um repensar sobre as margens e as fronteiras, já que novos sujeitos que não se encontravam no centro surgiram e ocuparam novos espaços, dentre eles o movimento feminista. Com relação ao feminismo, Hutcheon destaca que:

Embora o feminismo tenha tido um grande impacto sobre a orientação e o enfoque do pós-modernismo, por duas razões eu não desejaria equiparar o feminismo ao pós-moderno. Em primeiro lugar, isso ofuscaria os muitos tipos diferentes de feminismo que existem, desde o humanista liberal até o pós-estruturalista radical. Porém, o que é ainda mais importante, integrar o projeto feminista ao projeto pós-moderno - irresoluto e contraditório - seria simplificar e desfazer o importante planejamento político do feminismo. Em minha discussão não só sobre a perspectiva feminista mas também sobre as perspectivas negra, asiática, nacionalista, gay, étnica, e outras importantes perspectivas minoritárias (oposicionistas), tentei preservar a tensão entre a distinta independência e a influência, em relação ao pós-modernismo (HUTCHEON, 1991, p.14).

Assim, na literatura contemporânea vemos a presença do contraditório e a valorização da diferença, e percebemos a consolidação da voz partindo da existência de uma pluralidade de discursos, ocasionando em uma valorização pós-moderna calcada na diferença. Sobre a pluralidade de discursos dentro do feminismo, Hutcheon aponta que:

Em termos de teoria, as obras das feministas, dos marxistas e dos críticos negros, entre outras, têm afirmado esse tipo de interação dos discursos dos marginalizados. Têm-no realizado de forma tão poderosa que hoje muitos podem julgar que elas criaram uma nova hegemonia cultural, no sentido gramsciano de um novo conjunto de valores e atitudes que proporciona validade ao que agora é uma classe dominante detentora do poder desse conjunto. Porém, dentro de cada grupo existe pouca noção de poder ou de unidade: alguns afirmam que o feminismo é o discurso da mulher branca de classe média. Alice Walker chama sua ficção de “mulherista” para diferenciá-la desse discurso (ver Bradley 1984, 35). Mas existe um discurso feminista negro, um discurso feminista marxista e, naturalmente, um discurso feminista humanista. Do ponto de vista metateórico é essa pluralidade de feminismos que possibilita a valorização pós-moderna da diferença. Embora possa não haver à disposição alternativas não totalizantes

aceitáveis, o questionamento da ordem existente não deve cessar por esse motivo. As interrogações dos ex-cêntricos formam seus próprios discursos, que tentam escapar às armadilhas inconscientes do pensamento humanista, embora atuando ainda dentro do campo de poder desse pensamento, conforme Teresa de Lauretis tem afirmado ultimamente (1987). Assim como as feministas, hoje os teóricos e os artistas pós-coloniais têm seu próprio discurso, com seu próprio conjunto de questões e estratégias (ver Bhabha 1983, 198) (HUTCHEON, 1991, p.252-253).

O discurso do feminismo, nesse sentido, é entendido enquanto o discurso do ex-cêntrico, daquele que está fora do centro, na margem, propiciando uma marcação de identidade que é designada primordialmente pela questão da diferença. Sendo assim, questões como diferença e heterogeneidade são fundamentais para o entendimento tanto do feminismo como do pós-modernismo, que apontam para a necessidade da pluralidade:

O simples conceito de “não-identidade” tem associações de binariedade, hierarquia e complementaridade que a teoria e a prática pós-modernas parecem dispostas a rejeitar em favor de um conceito mais plural e desprivilegiante de diferença e em favor do ex-cêntrico. Os discursos pós-modernistas - sejam os discursos feitos por mulheres, afro-americanos, índios da América do Norte, etnicistas, gays, etc., ou os que são provocados por suas posturas - tentam escapar à armadilha da inversão e da valorização do outro, de transformar a margem em centro, uma mudança que muitos consideraram como um perigo para o privilégio que a desconstrução dá à escrita e à ausência em detrimento da fala e da presença ou para a ginocentralização de alguns feminismos em relação a um conceito monolítico da Mulher como sendo diferente do Homem. A diferença pós-moderna é sempre plural e provisória (HUTCHEON, 1991, p.94).

Na literatura contemporânea, uma série de produções apresentam características que dialogam com o pós-modernismo e com o discurso do ex-cêntrico. Dessa forma, vozes e sujeitos que estavam às margens passam a questionar o espaço ocupado por quem encontra-se ao centro, porém sem ocupar esse espaço. Podemos entender o feminismo enquanto uma das possibilidades desse discurso do ex-cêntrico, na medida em que, quando comparadas aos homens, as mulheres passaram a ocupar seu espaço na literatura de maneira tardia, já que as vivências e experiências das mulheres eram narradas na literatura primordialmente por autores homens. No entanto, o próprio movimento do feminismo apresenta uma série de correntes e especificidades, o que reforça a importância do movimento dentro do quadro pós-moderno, conforme aponta Hutcheon:

Ser ex-cêntrico, ficar na fronteira ou na margem, ficar dentro e, apesar disso, fora é ter uma perspectiva diferente, que Virginia Woolf (1945,96) já considerou como sendo “alienígena e crítica”, uma perspectiva que está “sempre alterando seu foco” porque não possui força centralizadora. Essa mesma mudança de perspectiva, essa mesma preocupação pelo respeito à diferença podem-se encontrar no e dentro do atual discurso teórico pós-moderno. Talvez a teoria feminista apresente o exemplo mais evidente da importância de uma consciência sobre a diversidade da história e da cultura das mulheres: suas diferenças de raça, grupo étnico, classe e preferência sexual.

[...] Assim como a teoria dos negros, todos esses tipos de feminismos integram a teoria e a prática (ou experiência) de uma forma que exerceu um profundo efeito sobre a natureza do pós-modernismo, na qual os discursos teórico e artístico já não podem ser claramente separados (HUTCHEON, 1991, p. 96-97).

Já Judith Butler (2003) aponta que “a teoria feminista inicialmente presumia em sua essência a existência de uma identidade definida, composta pela categoria das mulheres, que deflagra a partir do discurso os objetivos e interesses feministas, além de constituir o sujeito em nome de quem a representação política é almejada” (2003, p.17-18), destacando a importância que a questão da representação teve para a teoria feminista, na medida em que para as mulheres tornou-se necessário o desenvolvimento de uma linguagem que fosse capaz de representá-las, com o intuito de promover sua visibilidade política, tendo em vista que para as mulheres suas vidas eram mal representadas ou não representadas, sendo que mais recentemente o discurso feminista aponta para um questionamento da identidade que anteriormente parecia estável ou permanente. Butler salienta ainda que o termo *mulher* não designa uma identidade comum, destacando a importância da contextualização histórica e das interseções que o gênero estabelece com outras modalidades, tais como raciais e sociais. Sobre a questão da pluralidade, também a pesquisadora Eurídice Figueiredo (2013) destaca que:

Há que se distinguir a visão essencializante entre o singular “Mulher” e o plural “mulheres”: enquanto “Mulher” se refere a “um Outro construído cultural e ideologicamente através de um discurso representacional”, o termo no plural, “mulheres”, designa “sujeitos reais e materiais com uma história coletiva” (FIGUEIREDO, 2013, p.156).

A teórica Adriana Piscitelli (2001) faz um levantamento sobre o desenvolvimento do conceito de gênero, defendendo o que ela considera como a (re)criação da categoria mulher, destacando que em diferentes localidades e períodos históricos houve uma construção social que determinou uma subordinação das mulheres em relação aos homens que pode ser considerada de caráter universal. Piscitelli discorre sobre diferentes correntes do feminismo, dentre elas o feminismo radical, que tem em Shulamith Firestone uma de suas principais teóricas: para Firestone, a submissão das mulheres está intrinsecamente relacionada ao processo reprodutivo. Sobre o feminismo radical, Piscitelli destaca que:

Segundo essa autora, os papéis desempenhados por homens e mulheres na reprodução da espécie são fatores fundamentais de onde derivam as características que tornam possível a dominação que os homens exercem sobre as mulheres. As diferenças entre os papéis sociais e econômicos de homens e mulheres, o poder político e a psicologia coletiva são resultado da maneira como se reproduzem os seres humanos. De acordo com Firestone, o papel das mulheres no processo reprodutivo - uma vez que são os únicos seres humanos capazes de engravidar e amamentar e dado que os bebês humanos têm um período extraordinariamente prolongado de dependência física - as torna prisioneiras da biologia, forçando-as a depender dos homens (PISCITELLI, 2001, p. 3-4).

Dessa forma, biologia e opressão caminham juntas na determinação de uma supremacia dos homens perante as mulheres, e foi dentro deste contexto que surgiu o conceito de gênero, a

partir do pensamento feminista pós 1960. Baseado em discussões sobre identidade, opressão e patriarcado, o conceito passou por uma série de reformulações, tendo inclusive se confrontado com o conceito de mulher. Dentre as inúmeras correntes e pesquisadores que debatem o conceito de gênero na contemporaneidade, é de se destacar o trabalho desenvolvido por Donna Haraway, que segundo Piscitelli:

Expressa uma posição particularmente crítica em relação ao conceito de gênero, embora seja ambivalente no que se refere ao seu uso. A autora inscreve-se na linha de pensadoras – basicamente epistemólogas – que realizam uma crítica incisiva à construção do conhecimento “ocidental”. Seus questionamentos, centrados particularmente na noção de “objetividade”, discutem os pressupostos subjacentes à construção desse conhecimento. No quadro dessa discussão, Haraway aponta um problema central que considera inerente aos conceitos de gênero: os conceitos remeteriam, necessariamente, a uma distinção com o sexo na qual nem o sexo, nem as raízes epistemológicas da lógica de análise implicada na distinção e em cada membro deste par, seriam historicizados e relativizados (PISCITELLI, 2001, p. 13).

Assim sendo, Haraway defende que para que a categoria de gênero adquira poder político e explicativo, faz-se necessário uma historicização de outros conceitos, tais como de sexo, corpo, biologia, raça e natureza:

A recusa em tornar-se ou permanecer homem ou mulher marcado/a pelo gênero é, então, uma insistência eminentemente política em sair do pesadelo da muito-real narrativa imaginária de sexo e raça. Finalmente, e ironicamente, o poder político e explicativo da categoria “social” de gênero depende da historicização das categorias de sexo, carne, corpo, biologia, raça e natureza, de tal maneira que as oposições binárias, universalizantes, que geraram o conceito de sistema sexo/gênero num momento e num lugar particular da teoria feminista sejam implodidas em teorias da corporificação articuladas, diferenciadas, responsáveis, localizadas e com consequências, nas quais a natureza não mais seja imaginada e representada como recurso para a cultura ou o sexo para o gênero (HARAWAY, 2004, p. 246).

O romance que será analisado a seguir, além de propiciar reflexões sobre feminismo e literatura, possui elementos que apresentam a característica de um discurso distópico, na medida em que várias situações inerentes ao universo feminino e às condições das mulheres são exageradas. Sobre a ideia de distopia presente em *O conto da aia*, a pesquisadora Eliane Campello (2003) destaca que:

Uma distopia tem por base uma forma de experimentalismo que isola certas tendências sociais e as exagera para dar visibilidade às suas qualidades mais negativas. Raramente tem a intenção de ser uma predição realista de um futuro provável, por isso não tem sentido criticá-la com base na implausibilidade. A trama mais complicada do romance situa-se nas combinações paradoxais de significação, que ocupam o eixo entre a estrutura narrativa e a voz de Offred (CAMPELO,

2003, p.207).

Partindo da análise etimológica da palavra *distopia*, também o pesquisador Hilário (2013) destaca a disposição reflexiva que a caracteriza:

Etimologicamente, distopia é palavra formada pelo prefixo *dis* (doente, anormal, dificuldade ou mal funcionamento) mais *topos* (lugar). Num sentido literal, significa forma distorcida de um lugar. Neste caso se referindo a um curso anormal e inesperado de acontecimentos que compõem determinada forma social. Acrescente-se a isso que a distopia não é o contrário da utopia, não se configurando enquanto antiutopia. Pois ela não é avessa a todo e qualquer tipo de utopia, como se esta fosse essencialmente perigosa e necessariamente descartável.

As distopias problematizam os danos prováveis caso determinadas tendências do presente vençam. É por isso que elas enfatizam os processos de indiferenciação subjetiva, massificação cultural, vigilância total dos indivíduos, controle da subjetividade a partir de dispositivos de saber etc. A narrativa distópica é antiautoritária, insubmissa e radicalmente crítica. As distopias continuam sendo utopias, no sentido que Jacoby (2001, p. 141) lhe deu, isto é, não apenas como a visão de uma sociedade futura mas como uma capacidade analítica ou mesmo uma disposição reflexiva para usar conceitos com a finalidade de visualizar criticamente a realidade e suas possibilidades (HILÁRIO, 2013, p.205-206).

Assim, veremos a seguir, a partir de uma breve análise do enredo presente no romance *O conto da aia*, como questões como feminismo e distopia se complementam ao analisar o tema da pluralidade e da representatividade das mulheres no texto literário.

Feminismo e distopia em *O conto da aia*

Publicado originalmente em 1985, *O conto da aia* é ambientado no espaço fictício da República de Gilead, e narra a história de mulheres que foram confinadas à escravidão, tendo seus corpos utilizados exclusivamente para fins de procriação. Em uma sociedade onde grande parte das mulheres ficaram estéreis, as poucas mulheres ainda férteis são consideradas preciosidades, e por isso passam a ser tratadas como mercadoria, sendo mantidas como prisioneiras, e vistas somente como reprodutoras, exclusivamente de um ponto de vista utilitário. O enredo da obra caminha para uma distopia, sendo considerado, dessa forma, um romance de ficção científica de caráter distópico. No entanto, várias questões abordadas por Atwood em seu romance de ficção nos fazem refletir sobre a situação da mulher na sociedade contemporânea, tendo em vista que a visão da mulher como um ser utilitário e para fins de reprodução permeia o imaginário de muitas pessoas na contemporaneidade. Percebe-se isso em inúmeras situações de preconceito vivenciadas, por exemplo, por mulheres que optam por não ter filhos ou até mesmo por aquelas que possuem algum tipo de impeditivo biológico para a maternidade, e que são consideradas por muitas famílias como “inúteis”, passando por situações de preconceito nos mais diferentes ambientes sociais: acadêmico, familiar, profissional e etc.

O conto da aia é uma narrativa em primeira pessoa que tem como protagonista a personagem Offred. No enredo, as mulheres tornam-se propriedade de um governo totalitário, e conseqüentemente suas escravas, e as que não conseguem gerar filhos passam a ser consideradas como não-mulheres, sendo encaminhadas para as zonas de grande concentração de radiação, para a realização de trabalhos forçados. A seguir, uma passagem que demonstra como as mulheres são estratificadas de acordo com suas funções, sendo identificadas visualmente pela cor de sua

vestimenta:

Dobramos a esquina e entramos numa rua principal, onde há mais tráfego. Carros passam, a maioria deles pretos, alguns cinzentos e marrons. Há outras mulheres com cestas, algumas vestidas de vermelho, algumas do tom verde opaco das Marthas, algumas com os vestidos listrados, de vermelho, azul e verde, ordinários e feitos com pouco tecido, que são típicos das mulheres dos homens mais pobres. Econoesposas, é como são chamadas. Essas mulheres não estão divididas segundo funções a desempenhar. Elas têm que fazer tudo; se puderem. Por vezes há uma mulher toda de preto, uma viúva. Costumava haver um número maior delas, mas parecem estar diminuindo (ATWOOD, 2017, p. 35).

No romance, a gravidez é tida como benção e salvação, sendo um período imensamente aguardado por todos: tanto pelas famílias que desejam aumentar sua prole e não conseguem devido a infertilidade quanto pelas mulheres escravizadas que veem na maternidade uma oportunidade de fuga do sofrimento, da opressão e da escravidão:

Enquanto esperamos em nossa fila dupla, a porta se abre e mais duas mulheres entram, ambas com os vestidos vermelhos e toucas brancas de abas largas das Aias. Uma delas está enorme de grávida, a barriga, sob as roupas largas, se avoluma triunfantemente. Há uma mudança no ambiente, um murmúrio, uma exalação de ar; sem querer viramos a cabeça, de maneira ostensiva, para ver melhor; nossos dedos anseiam por tocá-la. Ela é uma presença mágica para nós, um objeto de inveja e desejo, nós a cobiamos. Ela é uma bandeira no alto de uma colina que nos mostra o que ainda pode ser feito: também podemos ser salvas (ATWOOD, 2017, p. 37).

O texto de Atwood aborda uma série de questões que nos fazem refletir sobre as especificidades do ser mulher, tais como a questão da gestação e do corpo feminino, na medida em que no romance o corpo da mulher deixa de ser seu e passa a ser do estado, ocorrendo assim uma perda de autonomia sobre o próprio corpo, que torna-se propriedade do outro, sendo que o discurso presente no romance legitima a submissão da mulher ao estado e ao homem, ocasionando nas aias uma sensação crescente de impotência a cada tentativa frustrada de gestação:

Afundo dentro de meu corpo como se dentro de um pântano, um atoleiro, onde só eu conheço os pontos de apoio seguros para os pés. Terreno traiçoeiro, meu próprio território. Torno-me a terra contra a qual encosto minha orelha, para escutar rumores do futuro. Cada pontada, cada murmúrio de ligeira dor, ondulações sucessivas de matéria na época de muda periódica, inchaços e diminuições de tecido, as secreções viscosas da carne, esses são os sinais, essas são as coisas de que preciso saber. A cada mês fico vigilante à espera de sangue, temerosamente, pois quando ele vem significa fracasso. Falhei mais uma vez em satisfazer as expectativas de outros, que se tornaram as minhas próprias expectativas (ATWOOD, 2017, p. 90).

Importante destacar que grande parte dos atos violentos ocorridos no romance de Atwood são também cometidos pelas mulheres, como o caso da punição coletiva para estupradores, ou ainda no caso da cerimônia pública de enforcamento. A ditadura a que as mulheres são submetidas em Gilead aponta para uma desumanização em todos os sentidos, sendo que as mulheres muitas vezes são comparadas a animais:

Espero, lavada, escovada, alimentada, como um porco premiado. Em algum momento nos anos 1980 inventaram bolas para porcos, para porcos que estavam sendo cevados em chiqueiros; os porcos faziam-nas rolar pelo cercado com seus focinhos. Os comerciantes de porcos diziam que isso melhorava o tônus muscular; que os porcos eram curiosos, gostavam de ter alguma coisa em que pensar.

Li a respeito disso em *Introdução à psicologia*; isso e o capítulo sobre ratos enjaulados que escolhiam por vontade própria tomar choques elétricos para ter alguma coisa a fazer. E o capítulo sobre pombos, treinados para bicar um botão que fazia aparecer um grão de milho. Três grupos deles: os do primeiro ganhavam um grão por bicada, os do segundo um grão uma bicada sim uma não, os do terceiro ganhavam aleatoriamente. Quando o homem encarregado cortou o fornecimento de grãos, o primeiro grupo desistiu muito depressa, o segundo grupo um pouco mais tarde. O terceiro grupo nunca desistiu. Eles bicaram até morrer, em vez de desistir. Quem saberia o que funcionava?

Eu gostaria de ter uma bola de porco (ATWOOD, 2017, p. 85-86).

As estratificações a que pertencem as mulheres produzem uma série de sentimentos e sensações. De certa forma, as aias são consideradas privilegiadas, pois apesar da perda de direitos possuem ainda como grande mérito a possibilidade da gestação, que funciona como uma espécie de tábua de salvação. Já as esposas, apesar de possuírem alguns privilégios, vivem também em uma espécie de prisão, pois veem seu sonho de gestação sendo transferido para a figura das aias, vivenciando assim sentimentos como inveja e desolação:

Não é com os maridos que vocês têm que ter cuidado, dizia Tia Lydiá, é com as Esposas. Vocês deveriam sempre tentar imaginar o que devem estar sentindo. É claro que se ressentem de vocês. É muito natural. Tentem ser solidárias, compadecer-se delas. Tia Lydiá acreditava que tinha muito talento para ser solidária e compadecer-se de outras pessoas. Tentem se apiedar delas. Perdoai-lhes, pois não sabem o que fazem. Mais uma vez o sorriso trêmulo, de uma mendiga, o piscar de olhos de vista fraca, o olhar voltado para o alto, através dos óculos de armação de aço, em direção ao fundo da sala de aula, como se o teto de reboco pintado de verde fosse uma abertura e Deus numa nuvem de pó facial Pink Pearl estivesse descendo através dos fios e encanamentos dos sprinklers contra incêndio. Vocês têm que se dar conta de que elas são mulheres derrotadas. Não conseguiram (ATWOOD, 2017, p.59).

Já o uso do corpo como mercadoria e a mecanicização do ato sexual são descritos no fragmento a seguir, em que Offred narra como costumavam ser suas relações sexuais com o

comandante Fred, que ocorriam sempre acompanhadas da presença da esposa, Serena Joy, em um rito bastante cerimonioso:

Minha saia vermelha é puxada para cima até minha cintura, mas não acima disso. Abaixo dela o Comandante está fodendo. O que ele está fodendo é a parte inferior de meu corpo. Não digo fazendo amor, porque não é o que ele está fazendo. Copular também seria inadequado porque teria como pressuposto duas pessoas e apenas uma está envolvida. Tampouco estupro descreve o ato: nada está acontecendo aqui que eu não tenha concordado formalmente em fazer. Não havia muita escolha, mas havia alguma, e isso foi o que escolhi (ATWOOD, 2017, p.115).

O capítulo final do romance, intitulado *Notas históricas*, provoca uma mudança de interpretação da narrativa como um todo. As notas históricas sobre *O conto da aia* apresentam uma transcrição parcial de atas de um simpósio sobre estudos Gileadeanos, que ocorreu no ano de 2195. A presidente do simpósio apresenta o narrador, o Professor James Darcy Pieixoto, da Universidade de Cambridge, que ministra uma palestra intitulada “Problemas de autenticação com Relação a O conto da aia”. Na palestra, o professor revela que *O conto da aia* é uma narrativa por ele reconstituída a partir da audição de fitas cassete:

Havia no total em torno de trinta fitas na coleção, com proporções variadas de música e narrativa em palavras. De maneira geral, cada fita começa com duas ou três canções, como camuflagem sem dúvida: então a música é interrompida e a voz da narradora ocupa o resto. A voz é de uma mulher e, de acordo com nossos especialistas em impressão de voz, é a mesma em todas elas. As etiquetas nos cassetes eram autênticas de época, datando, é claro, de algum tempo antes do princípio da era inicial de Gilead, uma vez que toda música secular desse tipo foi banida durante o regime (ATWOOD, 2017, p. 354).

O personagem Pieixoto, além de representar o discurso científico, dá um tom bastante pessimista ao desfecho do romance, na medida em que os homens passam a ser os narradores da história e os responsáveis pelo desfecho final do conto das aias. O epílogo, desta forma, se apresenta com o intuito de verificar a autenticidade do discurso ex-cêntrico que foi relatado pela aia Offred. A seguir uma passagem em que o personagem Pieixoto questiona a veracidade do relato de Offred:

Supondo, então que as fitas sejam genuínas, que dizer da natureza do relato em si? Evidentemente, não poderia ter sido gravado durante o período de tempo que relata, uma vez que, se a autora está contando a verdade, nem máquinas nem fitas teriam estado disponíveis para ela, nem ela teria tido um lugar para escondê-las. Além disso, a narrativa tem certo caráter reflexivo que, em minha opinião, exclui a possibilidade de sincronicidade. Ela possui um sopro de emoção recordada, se não em tranquilidade, pelo menos *post facto* (ATWOOD, 2017, p. 355-356).

Com isso, Atwood trouxe o academicismo e o discurso científico como agentes questionadores da veracidade do discurso do ex-cêntrico e também do discurso histórico onde, ao

final, os homens tem o poder de validar ou não a narrativa feminina da história. Ainda em *Poética do pós-modernismo*, Hutcheon destaca como uma das características da narrativa pós-moderna o final em aberto, citando como um de seus exemplos o romance *O conto da aia*:

O movimento da diferença e da heterogeneidade para a descontinuidade é um elo que pelo menos a retórica da ruptura não demorou a estabelecer à luz das contradições e dos desafios do pós-modernismo. A continuidade narrativa é ameaçada, usa-se e abusa-se dela, inserida e subvertida (ver Sukenick 1985, 14; Tanner 1971, 141-152). As estruturas de fechamento narrativo do século XIX (morte, casamento, conclusões ordenadas) são minadas por esses epílogos pós-modernos que colocam em evidência a maneira como, enquanto autores e leitores, nós produzimos o fechamento: *A Maggot*, de Fowles, *O Hotel Branco*, de Thomas, *The Handmaid's (A História de Aia)*, de Atwood (HUTCHEON, 1991, p. 86).

No campo específico da literatura contemporânea, Hutcheon destaca que as obras se utilizam de auto-reflexividade concomitantemente à apropriação de fatos e personagens históricos, o que ela denomina como metaficção historiográfica, e podemos observar em *O conto da aia*.

Considerações Finais

Vemos, dessa forma, que *O conto da aia* está inserido no quadro das narrativas ditas pós-modernas, ao apresentar um final em aberto para a protagonista Offred (passível inclusive de continuação em outra obra literária), além do uso frequente da paródia a outras obras literárias (como por exemplo ao romance também distópico *1984*), apresentando ainda o discurso do excêntrico, ao trazer para o centro da narrativa o relato de uma mulher que vivenciou um violento regime ditatorial, em que seus direitos mais básicos foram usurpados.

O discurso da narradora personagem é auto-reflexivo, e ao mesmo tempo histórico e político, sendo assim característico do pós-modernismo, conforme aponta Hutcheon (1991). Podemos considerar a obra de Atwood como uma distopia feminista, produzida por uma autora mulher que aborda diferentes nuances do universo feminino, tais como questões sobre o corpo e a gestação, além de apresentar uma crítica ao patriarcado ainda vigente na sociedade contemporânea através de exposições exageradas e muitas vezes inverossímeis, características do discurso distópico conforme apontam Campelo (2003) e Hilário (2013). Com isso, Atwood desenvolve sua escrita literária baseada em questionamentos e reflexões sobre questões como autonomia, patriarcado, individualidade, sociedade e autoridade, sendo que a discussão e o questionamento desses conceitos apontam para uma tendência da literatura contemporânea que visa a descentralização dos discursos, ocasionando assim um questionamento sobre o lugar de fala e sobre o tradicional centro do discurso, bem como sobre suas margens e fronteiras.

Atwood utiliza-se do recurso da ironia em uma série de passagens, dentre elas no capítulo final, momento em que promove uma reflexão sobre as relações entre o discurso histórico e o discurso científico, além de apontar para as limitações do discurso do feminismo, pois apesar de apresentar como personagem principal uma narradora mulher que é aprisionada, sufocada e silenciada, tem seu livro ironicamente encerrado pela narração de personagens homens.

A pluralidade de situações e condições vivenciadas pelas mulheres diferentemente retratadas no romance *O conto da aia* apontam para uma tentativa de representação de diferentes sujeitos que compõem a categoria mulher, onde a ideia de estabilidade é substituída pela ideia de multiplicidade de identidades e singularidades, que irão compor um coletivo bastante heterogêneo, apontado nos estudos de Butler (2003), Figueiredo (2013) e Piscitelli (2001).

Finalizando, podemos concluir que *O conto da aia* é um romance que apresenta uma série de características da literatura produzida no período do pós-modernismo, onde aportes teóricos

contemporâneos tais como feminismo, distopia e metaficção historiográfica são abordados de maneira a contribuir para o aprimoramento do fazer literário na contemporaneidade, bem como para a discussão sobre o alcance da literatura enquanto agente propositor de reflexões sobre a sociedade contemporânea.

Referências

ATWOOD, Margaret Eleanor. **O conto da aia**. Tradução de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMPELLO, Eliane. A visão distópica de Atwood na literatura e no cinema. **Revista Interfaces Brasil/ Canadá** Belo Horizonte V1, n.2, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/interfaces/article/view/6402/4441>. Acesso em: 08.ago 2020.

HARAWAY, Donna. “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cadernos Pagu** 2004, p.201-246. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n22/n22a09.pdf>. Acesso em 11.ago 2020.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. Teoria crítica e literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. **Anuário de Literatura**, Florianópolis, v.18, n. 2, p. 201-215, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/viewFile/2175-7917.2013v18n2p201/25995>. Acesso em: 16.ago 2020.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção, autoficção**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

PISCITELLI, Adriana. **“(Re)criando a categoria mulher?”** Campinas, 2001. Disponível em: <http://www.culturaegenero.com.br/download/praticafeminina.pdf>. Acesso em: 11.ago 2020.

Recebido em 06 de setembro de 2020.

Aceito em 12 de janeiro de 2022.